**Documentando a Experiência da COVID – 19 no Rio Grande do Sul: o Setor Coureiro – Calçadistas e de Serviços, a Pesquisa, as Fontes e as Potencialidades de Análise**

Dra. Andrea Helena Petry Rahmeier (curso História FACCAT), Dr. Daniel Luciano Gevehr (curso História FACCAT e Mestrado em Desenvolvimento Regional FACCAT), Mestrando Gabriel de Bortoli (Mestrado em Desenvolvimento Regional FACCAT), Dra. Sandra Cristina Donner (curso de História FACCAT)

Resumo:

Esta comunicação pretende apresentar o projeto *Documentando a Experiência da Covid -19 no Rio Grande do Sul: setor coureiro calçadista e de serviços*, elaborado e desenvolvido por pesquisadores do curso de graduação em História e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da FACCAT em parceria com o Arquivo Público do Estado do RS ao longo dos anos 2020 e 2021. Foram realizadas entrevistas na modalidade História Oral com trabalhadores e gestores da região do Vale do Paranhana, sobre sua vida e trabalho durante a pandemia. Iremos apresentar nossa metodologia de trabalho, detalhando os usos possíveis da História Oral para a formação de fontes, os resultados ainda provisórios desse levantamento junto aos trabalhadores e gestores da região, e seu potencial como fonte de pesquisa para as áreas além do campo da História, como administração, psicologia, educação. A proposta de apresentarmos as fontes é provocarmos mais pesquisas a partir do material produzido e arquivado no Laboratório e Acervo de História Regional do curso de História da FACCAT.

Palavras-chave: Covid-19, Documentos, História Oral, setor calçadista, setor de serviços.

Abstract:

This communication intends to present the project Documenting the Experience of Covid -19 in Rio Grande do Sul: leather footwear and services sector, developed and developed by researchers from the undergraduate course in History and the Postgraduate Program in Regional Development at FACCAT in partnership with the Public Archives of the State of RS throughout the years 2020 and 2021. They were combined in the Oral History modality with workers and managers from the region of Vale do Paranhana, about their life and work during a pandemic. We will present our work methodology, detailing the possible uses of Oral History for the formation of sources, the still provisional results of this survey with workers and managers in the region, and its potential as a source of research for areas beyond the field of History, such as administration, psychology, education. The proposal to present as sources is to provoke more research from the material produced and filed in the Laboratorio e Acervo de História Regional at FACCAT.

Keywords: Covid-19, Documents, footwear sector, Oral History, services sector.

1. ***Apresentação do projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul: A pesquisa FACCAT***

O presente artigo apresenta o projeto, ainda em andamento, *Documentando a Experiência da Covid -19 no Rio Grande do Sul: setor coureiro calçadista e de serviços.*  Este foi elaborado e desenvolvido por pesquisadores do curso de graduação em História e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da FACCAT em parceria com o Arquivo Público do Estado do RS ao longo dos anos 2020 e 2021, e consiste na realização de entrevistas na modalidade História Oral com trabalhadores e gestores da região do Vale do Paranhana, sobre sua vida e trabalho durante a pandemia.

Os objetivos desta pesquisa, são: coletar as experiências dos trabalhadores e gestores impactados pela pandemia na região especialmente no setor coureiro-calçadista e no setor de serviços, durante a pandemia de Covid-19 e arquivá-las para futuros estudos; Compreender os desdobramentos da pandemia de Covid-19 na economia do Vale do Paranhana, especialmente no setor coureiro-calçadista e no setor de serviços; Engajar alunos do curso de Licenciatura em História na pesquisa e na reflexão sobre a realidade social de sua região de moradia e atuação, através da participação neste projeto; Promover os usos e a prática da História Oral como método entre os alunos da disciplina de Tópicos em História (disciplina que ocorreu em 2020/2), quando os alunos acompanharam os pesquisadores nas entrevistas e nos processos de tratamento do material.

Tendo apresentado a pesquisa, torna-se relevante apresentar o porquê desta. O ano de 2020 começou aparentando ser apenas mais um ano em que lutaríamos pela educação, saúde, trabalho, igualdade social, como qualquer outro. Mas, logo em janeiro, nos deparamos com uma notícia vinda da Ásia, mais uma doença nova, ainda não exatamente identificada, e que, como nos casos anteriores, pensávamos que ficaria restrita a casos isolados. Ao longo do verão víamos com apreensão a doença “nova” ganhar nome, sequenciamento de DNA. Também vimos se espalhar pela Ásia, Europa, EUA, logo chegando aos grandes centros brasileiros, São Paulo, Rio de Janeiro. Em meados de março, ocorreu o primeiro caso no Rio Grande do Sul, tivemos o fechamento do comércio, a suspensão das aulas e das vidas. Vidas em suspenso.

Neste contexto de tempo suspenso, em que nem encaramos um *lockdown* como na Europa, nem havia normalidade, a economia e a saúde mental das pessoas se esfarelava enquanto os discursos contraditórios sobre como lidar com a situação tomavam a mídia e a política. Este tempo histórico particular, vivenciado de diferentes maneiras por diversos grupos sociais, se apresenta a nós, historiadores, como objeto, mas também como experiência.

Na sociedade brasileira, algumas pessoas continuam vivendo suas vidas de forma “normal”, outras, reclusas, vivenciaram o confinamento voluntário ou não. Alguns grupos profissionais puderam trabalhar remotamente, outros, considerados serviços essenciais, foram para a linha de frente, correndo muitos riscos de contaminação. Há ainda os que trabalham presencialmente, pois suas empresas e fábricas - mesmo não essenciais - não pararam. Há os trabalhadores autônomos, que precisaram seguir, pois o auxílio governamental era moroso ou não chegou. Há os professores que seguiram remotamente, como uma frente de batalha silenciosa, tentando sustentar seus alunos na aprendizagem. Há as pessoas que ficaram doentes, e que cuidaram de pessoas doentes, e que tiveram contato com doentes e que se sentiram doentes. Este projeto de pesquisa toca em muitos destes aspectos.

O trabalho dos historiadores, arquivistas, sociólogos tem sido explicar este tempo através da apresentação de momentos anteriores, em que estivemos em pandemia, indicar “como chegamos até aqui” e, também, ser uma ferramenta de leituras do tempo presente. Neste sentido, a coleta de documentos sobre o contexto e o cotidiano da pandemia de Covid-19 torna-se uma ação urgente e importante como fonte para pesquisa e também como espaço de reflexão. A iniciativa do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, ao documentar e coletar relatos sobre a vivência da pandemia de Covid-19 pelos diversos segmentos sociais da população se alinha com as iniciativas internacionais, capitaneadas principalmente por historiadores do campo da História Pública, mas também por diversas instituições acadêmicas. A este projeto a FACCAT, através da Licenciatura em História se somou.

Olhar para o impacto da epidemia de Covid-19 no Vale do Paranhana, documentar e recolher suas memórias, fomentar a pesquisa e a extensão e engajar os alunos neste processo estão entre os objetivos deste projeto. O Laboratório e Acervo de História da FACCAT, na figura de seus pesquisadores e bolsistas, participou da divulgação do formulário elaborado pelo APERGS, dentro do projeto Documentando a experiência do Covid-19 no Rio Grande do Sul, promovendo ações para que o mesmo chegasse à comunidade acadêmica da FACCAT, mas também a todos os estratos sociais da região.

Em outra via, os alunos da cadeira de Tópicos especiais em História do Rio Grande do Sul, juntamente com a docente, participaram ativamente do processo de entrevistas de História Oral. Foram eles que buscaram junto à comunidade as “fontes” e organizaram o contato junto aos trabalhadores e trabalhadoras, e também com os gestores da região. Em um segundo momento, eles assistiram a entrevista, sempre conduzida por um dos membros da equipe, e organizaram o sumário (sistematização das informações disponíveis no documento), que será arquivado tanto junto ao Laboratório e Acerto de História da FACCAT, como junto ao Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERGS).

A escolha por este público-alvo se relaciona com o objetivo deste projeto, a saber, identificar e compreender os impactos da epidemia de Covid-19 na economia da região. O setor coureiro-calçadista já vinha sofrendo uma crise econômica, antes do início da epidemia, contudo, com o fechamento do comércio e a restrição do poder de compra e consumo, as empresas se viram com estoques parados e diminuição das ordens de compra. Esse contexto levou a um remanejamento da força de trabalho, fechamento de empresas e impacto também no setor de serviços local. Ouvir trabalhadores e empresários é uma oportunidade de documentar como a crise se manifestou e aprofundou durante a pandemia de Covid-19, permitindo uma leitura e análise de contexto para além dos estudos históricos, que podem contribuir para sociólogos, administradores e demais áreas de conhecimento.

1. ***A memória da crise - aportes teóricos para compreender o impacto da Covid-19 no setor produtivo do Vale do Paranhana.***

Este projeto propõe elaborar e executar entrevistas de História Oral com foco no setor coureiro-calçadista e de serviços da região, a fim de documentar os impactos da pandemia na economia da região. Cientes do papel social que FACCAT no desenvolvimento regional, o Laboratório e Acervo de História Regional e a Licenciatura em História se sentiram convocados a participar desta importante iniciativa promovida pelo APERGS.

Então, o ano de 2020, lançou uma realidade nunca antes experienciada por esta geração. Neste contexto, os historiadores se unem aos arquivologistas no intuito de buscarem e preservarem documentos desse período em que há tanta imobilidade e movimento coexistindo.

O trabalho dos historiadores depende e se apoia nos subsídios dados pelos arquivologistas. São eles, através de seu próprio disciplinar, que organizam os inúmeros documentos gerados dia a dia pela nossa sociedade. Sem seu saber específico o *ofício do historiador* seria muito mais penoso e muito menos produtivo. Partindo desta premissa, historiadores e arquivologistas se uniram para documentar essa pandemia de Covid-19 em diversos lugares do mundo e também aqui no sul do Brasil. Dentro das teorias historiográficas que nortearão esta pesquisa estão a História do Tempo Presente, a História Oral, a História Pública e a História Social, com sua temática sobre o mundo do trabalho. Além disso, precisamos compreender como situações traumáticas influenciam o trabalho de memória da sociedade, o que lembramos, o que reproduzimos e como essa informação é assimilada e transmitida para as próximas gerações.

Já há muitas décadas que os historiadores e historiadoras entendem que a separação temporal em relação ao seu objeto de pesquisa não é mais um requisito. As práticas de pesquisa sobre temas cada vez mais próximos no tempo e no espaço nos levam a um campo historiográfico, a História do Tempo Presente. Esta mobiliza pesquisadores em relevantes trabalhos na tentativa de analisar e compreender a sociedade, seus fenômenos políticos, culturais e econômicos. Nesta empreitada, os historiadores não raros se encontram ao lado de jornalistas e sociólogos, o que torna ainda mais complexo e desafiador o *olhar do historiador*. As historiadoras Delgado e Ferreira apontam como um grande desafio o acesso, uso e produção de fontes: “No caso da história do tempo presente, a essa profusão de fontes agrega-se a possibilidade que o historiador de produzir ele mesmo fontes para sua pesquisa e de seus colegas. A título de exemplo, cabe ressaltar a história oral e a produção de fontes iconográficas. ” (2014, p. 8). Este projeto, dentro do campo da História do Tempo presente, pretende produzir fontes que permitam a compreensão dos impactos da pandemia de Covid-19 na vida dos trabalhadores e gestores do Vale do Paranhana não apenas para os futuros trabalhos historiográficos mas também para as pesquisas em andamento dentro da História e nas demais áreas como sociologia, economia, administração que possam, a partir das fontes criadas/coletadas pensar políticas públicas para a região.

Outro elemento que devemos considerar é nosso contexto presentista, segundo Hartog (2013, p. 148) O presente tornou-se horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato”. Portanto as demandas de História e de Memória batem à porta do historiador pedindo resposta. Não tem sido raro as participações dos profissionais nas mídias digitais ou televisivas sendo questionados sobre um determinado contexto e explicando pandemias antigas. Sendo assim, através da lente da História do Tempo Presente, a participação no projeto torna-se um espaço rico de experiência, para os pesquisadores e os alunos envolvidos, enquanto se atende às demandas da sociedade sobre nosso papel.

 Um dos principais documentos utilizados pela História do Tempo presente, não o único, são os relatos orais. Por isso, a História Oral enquanto método e campo é fundamental para o desenvolvimento deste projeto. Portelli (2016, p. 10) indica que “A história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta”. E a escuta, neste momento tão delicado, mostra-se necessária e urgente. A escuta atenta proposta pela História Oral, cerceada pelos métodos e preceitos éticos que fazem parte deste campo, nos permitirá compreender como diferentes indivíduos, em diferentes posições e espaços sociais estão vivenciando a pandemia de Covid-19. Segundo Alberti (2004, p. 20), “Dito de outra forma: a crença no indivíduo autônomo e igual perante os outros, que é também o indivíduo único e singular, o ser psicológico, d*á* sen*t*i*do* a uma série de concepções e práticas em nosso mundo”. Essa mesma autora apresenta a possibilidade de, através das entrevistas, termos acesso às vivências do outro, em um processo hermenêutico de compreensão da realidade (ALBERTI, 2004: pág.20).

 O projeto ao coletar entrevistas, através da História Oral, prima pela pluralidade de agentes envolvidos buscando trazer também as diferentes formas de vivenciar esse cotidiano extraordinário que foi imposto. Para Alberti, a dimensão da “história de experiências” nos permite ver o mundo de forma mais complexa:

História de experiências. Entrevistas de história oral podem ser usadas no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas. (...) Em linhas gerais, essas noções significam o seguinte: entender como pessoas e grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas. (ALBERTI, 2004, p. 25)

 A realidade econômica vivenciada no Vale do Paranhana não pode ser contada apenas pelos balancetes das empresas, os dados do governo ou pelas notícias dos jornais. Cada indivíduo vivenciou a pandemia de Covid-19 de uma forma única. Somente uma coleta de fontes que vise esses relatos que de outra forma seriam soterrados pelas manchetes de televisão ou pelos números da contabilidade poderá desvelar um panorama mais justo deste contexto. Sobre isso, Portelli nos diz que:

Na verdade, a fronteira móvel e esquiva entre a História e as histórias é uma das relações que torna a história oral significativa. Em última instância, a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro. O cerne duro da história oral reside exatamente nesse ponto, no qual a história invade as vidas privadas. (PORTELLI, 2016, p. 16)

As questões, utilizadas como a espinaha dorsal da entrevista, mas sem engessar o relato dos depoentes, foram organizadas em tres eixos: o primeiro bloco questionava o contado que o entrevistado teve com a Covid-19, temos então desde famílias que haviam conseguido se preservar, como experiências de luto e tragédia; o segundo bloco pretendia lançar luz ao mundo do trabalho, questionando como essa pessoa, como trabalhador ou gestor, enfrentou a emergência da pandemia; o último bloco perguntava sober a experiência familiar do entrevistado em relação ao momento de isolamento ou retorno das atividades em função do Covid-19- quais hábitos de consumo e lazer foram modificados, ou não, como os membros da família enfrentaram no âmbito psicológico o isolamento social, a perda de emprego, os novos hábitos.

Os objetivos da História Oral alinham-se com os objetivos da História Pública: dar espaço e voz na história para todas as pessoas. A História Pública teve sua origem nos Estados Unidos, em meados dos anos 1970 e entrou em um processo de expansão pela Europa e mais recentemente no Brasil. Esse campo tem como um de seus principais pressupostos uma prática e uma escrita que se forjam dentro de uma perspectiva de conhecimento partilhado (ALMEIDA, 2016, p. 55). Para fins de delimitação teórica, ficaremos com a definição de Santhiago:

(...) quero mencionar que penso a história pública como uma área de estudo e ação com quatro engajamentos fundamentais, passíveis de entrecruzamentos: a história feita *para* o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita *com* o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de ‘autoridade compartilhada’ é central); a história pública feita *pelo* público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e a *história e público* (que abarcaria a reflexividade e auto reflexividade do campo). Essa tipologia ajuda a elucidar que *predominâncias* e *exclusividades* são coisas bem diferentes. (SANTHIAGO, 2016, p. 28)

Partindo desta definição, pensamos um projeto que pretende por um lado aproximar o público da pesquisa, quando divulga o formulário para preenchimento e convida a *produzir* documentos, e por outro, busca de forma plural e colaborativa realizar história oral com diferentes segmentos sociais, se enquadra no campo da História Pública brasileira. Uma vez que, segundo Almeida, “Questão fundamental para a história oral e para a história pública é discutir as políticas de memória, em um esforço de ‘dever de memória’” (2016, p. 107). A constituição de acervos que contemple a experiência de todos está na base deste projeto.

Esse papel de *criar* documentos a partir do relato de sua experiência nesta crise, apareceu em diversos relatos dos depoentes. Eles ressalvam a alegria e a sensação de poderem contar *suas* histórias, suas vivências e perceber que elas são parte de uma História maior, elas tem valor.

Por fim, o campo da História Social nos deu ferramentas para compreender como os diversos estratos sociais reagiram e se movimentaram durante esta crise do Covid-19. Surgida dentro da Escola dos Annales, este campo teve uma ascensão especialmente na *terceira geração* de historiadores, quando se refinou o conceito e a proposta de uma “história desde baixo” e se aliou aos processos de lutas sociais que emergiram ao longo dos anos 1970.

Todas estas linhas historiográficas, apresentadas acima, somam-se para implementar o projeto Documentando a Covid 19 no Rio Grande do Sul. De forma colaborativa e interdisciplinar, História e Arquivologia se aliam para documentar e compreender esse momento extraordinário na vida das pessoas.

Por fim, no detalhamento dos pressupostos teóricos que embasaram o projeto e o trabalho desenvolvido até aqui, resta discutir o papel da memória e sua importância para a História da região e para as demais áreas que poderão acessar e utilizar estas entrevistas em suas próprias pesquisas.

A construção de nossa memória pessoal passa pelo contato social, pelo que assistimos nas mídias, por com quem conversamos, pelo que lemos. Essa percepção sobre a fluidez das lembranças poderia, automaticamente, descredenciar os relatos orais como “uma fonte confiável de informações”. Todavia sabemos que não é assim. Dentro do campo da História a ideia de que um documento escrito, oficial, seria portador de informações mais fidedignas remonta ao século XIX. Atualmente, compreendemos que tanto os documentos oficiais, escritos, registrados, como a memória dos relatos orais são fruto de uma série de intencionalidade e subjetividades que se entrelaçam. Há a vontade de comunicar algo, de uma certa forma por parte de um governo, por exemplo, como há uma memória, tocada pela vivência pessoal, por outro.

Então, dentro desta chave de investigação, os historiadores e historiadoras passam a cotejar documentações. Um relato oral é confrontado e comparado com dados estatísticos, documentos oficiais, matérias de jornais, entre outros. E assim, nessa costura de fontes, se escreve a História.

A memória, portanto, nos é cara. Ela pode trazer a “cor” às estatísticas oficiais. Ela traz o rosto por trás da matéria do jornal. Ela grita, chora, se emociona com o fato. Portanto, a coleta de documentação- relatos orais- sobre a memória das pessoas durante a pandemia de COVID-19 enriquece os estudos de diversos campos. Segundo Pollak, em suas reflexões sobre a memória e a sociedade, a apresenta na seguinte relação:

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (POLLAK, 1989, pág. 204)

 Portanto, as entrevistas, onde a memória é compartilhada e arquivada, nos permitem dar um rosto para as estatísticas da Covid-19 no Vale do Paranhana. Elas contam do cotidiano, das estratégias para sobrevivência física, econômica e social. Elas contam como aquele sujeito *vivenciou* a estatística. E sob essa perspectiva que esse material é analisado pela História e pelos demais cursos.

Então, como foi organizado o trabalho: as entrevistas basearam-se na História Oral e foram realizadas na modalidade remota através de aplicativos de celular ou programas de computador, isto é, pelo google meet. Como elas foram feitas durante a vigência da pandemia, foram realizadas sempre à distância, respeitando o isolamento social necessário neste contexto de epidemia de Covid-19. O grupo pesquisado foi o de trabalhadores e trabalhadoras do setor coureiro-calçadista e do setor de serviços dos municípios que fazem parte do Vale do Paranhana, bem como empresários dos setores citados. A seleção do público para ser entrevistado ficou a critério da equipe dos pesquisadores da FACCAT, envolvidos no projeto, e dos alunos da disciplina de Tópicos em História, que participaram auxiliando na busca ativa pelas pessoas a serem contactadas, como observadores nas entrevistas e como colaboradores na transcrição e elaboração do sumário após a entrevista. A pesquisa se propôs a entrevistar 40 (quarenta) pessoas, 30 trabalhadores do setor coureiro-calçadista e do setor de serviços e 10 gestores, procuraremos observar a mesma correlação proporcional entre os setores coureiro-calçadista e de serviços. As entrevistas, como viemos apontando, adota os protocolos éticos que fazem parte do campo da História Oral. E portanto, os entrevistados deverão, além de autorizarem o uso da entrevista e sua eventual divulgação, também posicionarem-se se aceitam ter sua identidade divulgada ou se preferem o anonimato. A guarda dos áudios e vídeos ficará a cargo do Laboratório e Acervo de História Regional, situado dentro do Curso de Licenciatura em História da FACCAT e no APERGS ([www.apers.rs.gov.br](http://www.apers.rs.gov.br))

Até esse momento, o acervo consta de vinte entrevistas já sistematizadas e gravadas. Elas estão, provisoriamente, arquivadas no drive dos pesquisadores e em um segundo momento irão para o Laboratório e Acervo de História Regional da Faccat e para o arquivo da APERGS.

1. ***Documentando a crise: as possibilidades de pesquisa a partir do acervo Faccat.***

O acervo FACCAT se constitui em um importante repositório da memória, na medida em que reúne importantes fragmentos da trajetória de pessoas, em escala regional, no contexto da pandemia da COVID-19. Nesse sentido, o acervo registra parte das experiências e sensibilidades de pessoas que viveram o contexto pandêmico, na região do Vale do Paranhana.

Dessa forma, busca-se contribuir para a formação de um conjunto de fontes que possibilitem a construção de narrativas sobre o período da pandemia, assegurando que esse não caia no esquecimento ou que simplesmente não tenha nenhum registro histórico. Portanto, pensar a memória como um elemento fundamental para a compreensão da dinâmica regional, se coloca como um dos principais objetivos da pesquisa.

Para tanto, se faz necessário refletir sobre a própria ideia que se tem de região, como uma dimensão de escala, através da qual se pode melhor compreender as dinâmicas que se processam no espaço, uma vez que a proposta de análise de uma região deve levar em conta a delimitação do espaço a ser estudado para que seja preservada a identidade local e as características regionais.

Partimos da definição proposta por Santos (1992), para quem região é o *locus* de determinadas funções da sociedade total em um momento dado, ou seja, a cada momento histórico a região ou subespaço do espaço nacional total. Já a ideia de região, entendida numa perspectiva social, deve ser construída a partir de laços comuns, de identidade que expressem a cultura, a economia e a política regional. Todavia, o conceito de região remete a diferentes reflexões. No entanto, cada autor inclui na formulação dos conceitos, noções naturais ou ambientais, econômicas, sociais, culturais, bem como, aspectos históricos que deram origem e especificidade a cada região. Ou seja, pensar os registros de memória, em um contexto regional, é de extrema importância, uma vez que é através dele que se pode acessar parte das narrativas produzidas sobre o presente/passado, fonte sobre a qual diferentes profissionais poderão se valer, para compreender de forma mais aprofundada e com maior riqueza de detalhes a dinâmica que constitui a sociedade e seus atores sociais. Daí a importância em se constituir um acervo de memória, em âmbito regional, contribuindo dessa forma para a ampliação da compreensão dos efeitos de uma pandemia, em especial no que diz respeito aos seus aspectos econômicos e sociais.

Dentro deste campo, é de fundamental importância criar arquivos que documentam a experiência dos trabalhadores e trabalhadoras, bem como dos gestores das empresas do setor coureiro-calçadista e de serviços. Através deles poderemos acessar e compreender como essas pessoas reagiram à crise, que estratégias utilizaram, e como as empresas, na figura de seus gestores, se envolveram a fim de sobreviver. E também observar qual o espaço articulação foi possível para os funcionários neste contexto tão novo.

O registro das vivências dos trabalhadores, trabalhadoras e gestores da região do Paranhana são importantes não apenas para a historiografia, mas também para outras áreas do conhecimento. Através da análise das entrevistas é possível verificar quais medidas econômicas foram tomadas no contexto de crise, além dos impactos psicológicos causados à população, tanto no que se refere aos casos de Covid-19 quanto aos reflexos da pandemia na geração de emprego e renda. Outro importante aspecto analisado nas entrevistas é a transformação do trabalho, pois muitas empresas se reinventaram através da adoção de protocolos não praticados no período anterior à pandemia, como por exemplo, a prática do teletrabalho, o distanciamento no local de trabalho (para aqueles que permaneceram com as atividades presenciais), atendimentos ao público com horário pré-agendado, etc. Essas transformações observadas nas entrevistas contribuem para que pesquisas na área de engenharia de produção e gestão da qualidade sejam realizadas futuramente, visto que, a pandemia trouxe novas formas de organização laboral que precisarão ser repensadas, modificadas ou aprimoradas.

Todas as transformações observadas na vida das pessoas em virtude da pandemia e que foram perceptíveis através das entrevistas realizadas impactam diretamente no desenvolvimento da região. É importante salientar que a concepção de desenvolvimento regional está passando por consideráveis ressignificações, visto que, tal conceito apesar de produzir reflexões teóricas e metodológicas de problemas sociais de microrregiões ainda necessita de maior articulação com outras realidades, a nível federal e global (RIEDL, 2017). Além disso, é importante salientar que pensar o desenvolvimento da região vai muito além do puro dado econômico, sobretudo porque o próprio conceito de desenvolvimento econômico está relacionado com a qualidade de vida da população, ou seja, a partir da análise regional é possível compreender dinâmicas que contribuem e/ou interferem nas questões sociais, políticas, culturais, laborais, etc. (MADUREIRA, 2015).

Como as entrevistas realizadas abordam temas variados relacionados ao contexto da pandemia de Covid-19 acredita-se que pesquisadores de diferentes áreas poderão utilizá-las para compreender a dinâmica regional do Paranhana frente ao contexto em questão. Sendo assim, o projeto que está sendo desenvolvido é um importante instrumento para compreender os desafios impostos pela pandemia na região e para pensar políticas públicas que aprimorem a qualidade de vida da população frente ao novo contexto que se impõe.

***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

O presente artigo teve como principal objetivo apresentar o projeto “Documentando a Experiência da Covid -19 no Rio Grande do Sul: setor coureiro calçadista e de serviços” que ainda está em andamento. O projeto está sendo realizado por pesquisadores do curso de História das Faculdades Integradas de Taquara em parceria com o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul e pretende reunir os depoimentos, relatos e memórias de trabalhadores e gestores do setor coureiro calçadista e do setor de serviços que residem no Vale do Paranhana/RS, sobretudo ao que se relaciona com o período da pandemia de Covid-19 e seus reflexos na vida profissional, financeira e social dos entrevistados.

Utilizando-se do método da História Oral, foram realizadas entrevistas com os atores sociais envolvidos através da plataforma do Google Meet para garantir a segurança e a saúde dos entrevistados. Após a realização das entrevistas, foram organizados os sumários, ou seja, a sistematização das informações disponíveis no documento, que farão parte do acervo da FACCAT e enviados ao Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

O projeto está embasado sob o viés teórico da História do Tempo Presente, História Pública e História Social, Neste sentido, é possível que os dados sistematizados através dos sumários contribuam para pesquisas atuais de diversas áreas que estão sendo desenvolvidos sobre os aspectos da pandemia de Covid-19 na região estudada. É importante salientar que não apenas os estudos historiográficos serão beneficiados com a sistematização das entrevistas, mas também profissionais da economia, psicologia, engenharia de produção, gestão comercial, administração, entre outras áreas, poderão utilizar-se das memórias e relatos sistematizados para suas produções científicas. Além disso, também poderão ser criadas políticas públicas que contribuam para o alívio das consequências negativas da pandemia dos residentes das cidades do Vale do Paranhana e a análise dos impactos para o desenvolvimento regional do espaço estudado objetivando a melhora na qualidade de vida da população.

Portanto, fica nosso convite aos colegas dos demais campos de estudo, professores e pesquisadores da FACCAT ou de outras instituições, acessem esses documentos, ouçam essas histórias, deem cor às estatísticas.

***Anexo- roteiros da entrevista:***

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS I (TRABALHADORES NAS EMPRESAS COUREIRO-CALÇADISTAS E SETOR DE SERVIÇOS DO VALE DO PARANHANA)**

**Bloco I- contato com a doença.**

1-Você ou alguma pessoa de sua família foram contagiados pelo novo coronavírus? Onde foram atendidos e como foi esse atendimento? Relate a experiência.

2- O que mudou na sua rotina a partir do início da pandemia? Em que medida você e seus familiares aderiram ao isolamento social? Justifique. /

**Bloco II - experiência no mundo do trabalho**

3- Você permaneceu no mesmo emprego? Houve redução de carga horária ou demissão? Conte sua experiência

4- A empresa em que você trabalha fez alguma adaptação de espaço físico ou sistema produtivo? Explique quais?

5- Se houve adaptações, como foi a recepção destas entre os trabalhadores?

6- Que mudou no seu ambiente de trabalho a partir da pandemia (relacionamento entre colegas)?

7- Foi criado um comitê de crise? Houve representatividade nos trabalhadores neste comitê?

**Bloco III - experiências pessoais com a pandemia**

8- O que mudou na sua vida econômica a partir da pandemia?

9- Como você percebe os impactos psicológicos da pandemia, pessoalmente e naqueles que o cercam?

10- De que maneiras a pandemia e o isolamento mudou seus hábitos de consumo e de lazer?

11- Você tem participado de alguma ação de solidariedade? Qual? A quem se dirige?

12- Como você tem se informado sobre a pandemia?

13- Há algo mais que você gostaria de relatar? Você gostaria de nos enviar algum registro (como fotos, textos escritos, vídeos etc.) sobre o seu cotidiano na pandemia?

14- Por que você se dispôs a participar dessa pesquisa?

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS II (EMPRESÁRIOS DO SETOR COUREIRO-CALÇADISTA E DE SERVIÇOS)**

**Bloco I- contato com a doença.**

1-Você ou alguma pessoa de sua família foram contagiados pelo novo coronavírus? Onde foram atendidos e como foi esse atendimento? Relate a experiência (aqui podem ser feitas outras perguntas).

2- O que mudou na sua rotina a partir do início da pandemia? Em que medida você e seus familiares aderiram ao isolamento social? Justifique.

**Bloco II - experiência no mundo do trabalho**

3- Como a sua empresa viu a chegada da pandemia na sua região em março de 2020? Conte sua experiência

4- A sua empresa fez alguma adaptação de espaço físico ou sistema produtivo? Explique quais?

5- Se houve adaptações, como foi a recepção destas entre os trabalhadores?

6- Que mudou no ambiente de trabalho de sua empresa a partir da pandemia (relacionamento entre colegas)?

7- Foi criado um comitê de crise? Houve representatividade dos trabalhadores neste comitê?

**Bloco III - experiências pessoais com a pandemia**

8- O que mudou na sua vida econômica a partir da pandemia?

9- Como você percebe os impactos psicológicos da pandemia, pessoalmente e

naqueles que o cercam?

10- De que maneiras a pandemia e o isolamento mudou seus hábitos de consumo e de lazer?

11- Você tem participado de alguma ação de solidariedade? Qual? A quem se dirige?

12- Como você tem se informado sobre a pandemia?

13- Há algo mais que você gostaria de relatar? Você gostaria de nos enviar algum registro (como fotos, textos escritos, vídeos etc.) sobre o seu cotidiano na pandemia?

14- Por que você se dispôs a participar dessa pesquisa?

***BIBLIOGRAFIA***

ALMEIDA, Juniele Rabêlo, MENESES, Sônia (org). **História Pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado.** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Proj. História**, São Paulo, v. 15, abr. 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002.

DELGADO, Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **História do Tempo Presente.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 – 22, jan/jun. 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio/jun., 2000.

\_\_\_\_\_\_. **História, tempo presente e história oral.** Topoi, Rio de Janeiro, p. 314-332, dez. 2002.

FONTES, Paulo, CHALHOUB, Sidney. História Social do Trabalho, História Pública. **Revista Perseu**: história, memória e política, São Paulo, n. 9, p. 219-228, 2009.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade - presentismo e experiência do tempo.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.

MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata. Desenvolvimento Regional: principais teorias. **Revista Thêma et Scientia**. Vol. 5, n° 2, jul/dez. 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e História – a problemática dos lugares.** In: Projeto História. São Paulo: USP, nº10, dezembro 1993.

MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo, SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil- sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra & Voz, 2016.

MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane Trindade. **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra & Voz, 2018.

\_\_\_\_\_\_. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida, SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social*.* **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992.

\_\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICCEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RIEDL, Mario. Desenvolvimento Regional. In:GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). **Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos**. Porto Alegre: Conceito, 2017.

ROBREDO, Jaime. ***Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha.*** Data Grama Zero, v. 5, n. 1, 2004. Disponível em:

•<<http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_6e6fdeca3e_0007605.pdf> >. Acesso em: 02 jul. 2019.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1992.